

DECIFRA-ME OU TE DEVORO: BRASÍLIA E A QUESTÃO DA IDENTIDADE

Gleideston Rodrigues dos Santos – gleideston.santos@projecao.br

INTRODUÇÃO

Brasília: cidade oásis, sertaneja, síntese do Brasil, sem esquinas, sem identidade, ilha da fantasia, terra de todos e de ninguém. São tantas as definições para esta cidade que se chega à perplexidade. Édipo diante da Esfinge. Estas e outras denominações, geralmente depreciativas, geram um sentimento de mistério e estranhamento. Por outro lado, têm-se as afirmações apaixonadas daqueles que situam a cidade no espaço da utopia e das oportunidades. Para estes, ela é definida pela paixão de estar e existir. De morar numa cidade única, mas não menos enigmática. Afinal, o que é Brasília?

Para as reflexões seguintes teremos como escopo a noção de identidade e a sua gênese, seja no aspecto material ou simbólico. Tal como o conceito em toda a sua complexidade nas ciências humanas, a compreensão do que é Brasília constitui-se em grande desafio analítico. Decifrar a cidade ganha aqui o sentido de pertencimento ao lugar, sem o qual vem a sublimação do indivíduo aos ditames do efêmero e do superficial inerentes do viver na metrópole, enfim a “devoração” do eu pelo não-lugar. Este trabalho pretende contribuir com este debate tão candente nos estudos sobre a compreensão e desvendamento do mistério chamado Brasília, sua identidade e sentidos.

IDENTIDADE, IDENTIDADES...

A Identidade é compreendida, grosso modo, como o elemento fundamental que estabelece uma relação direta do indivíduo a um determinado espaço. É a identidade que exterioriza o que sou e de onde venho. Por ser um constructo que tem como tábula a cultura, é através dela que o sujeito social carrega consigo os traços mais elementares do mundo em que está inserido. Dir-se-ia que a materialização da identidade no espaço cria territorialidade e do espaço territorial vivenciado em seus diversos usos, tem-se o Lugar.

Pois bem! É justamente por “traduzir” as características de cada lugar que a compreensão de tal conceito se faz necessário, mormente na atual configuração sócio espacial do nosso tempo onde os vetores do espaço e do tempo se deslocam e se comprimem vertiginosamente. Onde o também deslocamento de pessoas a cada instante parece romper os limites territoriais e por isso identitários. As migrações populacionais que se tornaram a marca do mundo contemporâneo são de certo modo a transferência de identidades originalmente formadas alhures. Cada indivíduo ao migrar leva também o seu modo de ser, os elementos culturais nos quais foi forjado. Enfim, seus territórios. Mas interessa aqui perceber outra faceta desses movimentos populacionais que está relacionada mais diretamente à noção de identidade. Vejamos o que diz Woodward.

A globalização, entretanto, produz diferentes resultados em termos de identidade. A migração produz identidades plurais. Essa dispersão das pessoas ao redor do globo produz identidades que são moldadas e localizadas em diferentes lugares e por diferentes lugares. Essas novas identidades podem ser desestabilizadas, mas também desestabilizadoras. (WOODWARD, 2000, p.22)

Também Hall (1999) debruçou-se sobre a questão da identidade no mundo pós-moderno. Para este autor, vive-se o que ele chama de "crise das velhas identidades", bem entendido, aquelas forjadas sobre os pressupostos da Modernidade, centradas no indivíduo. Tal crise provocou no seu dizer a "morte do sujeito moderno". Assim, as possíveis consequências da globalização sobre as identidades culturais, resumidamente, seriam a desintegração das chamadas identidades nacionais, como resultado do crescimento da homogeneização cultural que leva, por sua vez, à afirmação das identidades locais e faz emergir novas identidades híbridas, típicas da pós-modernidade. Mas é importante que se perceba os "deslocamentos identitários" daí advindos, pois,

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma celebração móvel... Dentro de nós há identidades contraditórias empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocados. (HALL, 1999, p.13)

A partir de tais constatações, ou seja, da "crise de identidades" tão presentes na contemporaneidade decorrente dos constantes deslocamentos humanos no espaço observa-se que em cada canto do planeta onde se verifiquem migrações aí se poderá perceber também o que se pode denominar transposição de identidades territoriais.

Determinados grupos culturais migrantes podem não apenas entrecruzar sua identidade no confronto com outras culturas, mas também levam sua territorialidade consigo, tentando reproduzi-la nas áreas para onde se dirigem. (HAESBAERT, 1999 p.184)

Trata-se aqui da dimensão simbólica da cultura. Esta é muito mais consistente que a dimensão visível e concreta, posto que é responsável pela permanência da memória de um grupo social, mesmo que este se desloque no espaço. É justamente essa dimensão simbólica o elemento perene - no que diz respeito à preservação dos territórios e, se quisermos da memória - em um mundo caracterizado cada vez mais pela diáspora humana. Em cada "micro-espço de identidade", apesar de segregado e entrecruzado com traços culturais distintos, reside também os elementos da cultura que, a rigor, é o lastro que nos define enquanto partícipes de um determinado grupo identitário.

Contudo, é importante atentar no que concerne às transposições culturais que estas não ocorrem de modo homogêneo. Haverá sempre a possibilidade de intercâmbio identitário o qual será resultante das relações estabelecidas entre os grupos de indivíduos. Assim, um modo de vida, uma identidade particular, enfim, uma cultura ao se defrontar com outra tenderá a absorver, bem como transmitir os seus traços mais elementares. Ainda citando Haesbaert:

Como o recorte espacial/territorial mais concreto tem seu sentido reelaborado, a transposição simbólica de sua 'escala de ação' (simbólica) não ocorre sem perdas, mudanças e ao mesmo barganha com outras identidades. (HAESBAERT, 1999 p. 182)

Portanto, a transposição de identidades culturais deve ser entendida como uma via de mão dupla. Se de um lado ela pode garantir a sobrevivência e até a perpetuação da memória territorial de um indivíduo ou grupo, por outro lado, pode ser o momento exato de seu

esquecimento. Isso irá depender do convívio estabelecido no campo de forças do convívio social.

Do que se viu até aqui, caberia uma breve discussão sobre a validade de categorias e/ou conceitos, tal como o de identidade no contexto atual. Essa discussão deve ter como objetivo uma redefinição dos seus sentidos. E a questão é: seriam elas válidas para todos os grupos culturais no tempo e no espaço?

Tradicionalmente ocorre no meio acadêmico a utilização de noções conceituais prontas para a análise da realidade. Tais conceitos muitas vezes são forçados em estudos feitos em realidades outras, com suas dinâmicas próprias as quais diferem totalmente. Outras vezes elas são utilizadas como se pudessem abarcar todos os aspectos do mundo, ou como se fossem eternos. No caso do conceito de identidade, se existem particularidades, é óbvio que a sua gênese será específica para cada lugar, não cabendo generalizações, quero dizer, a aplicação de um conceito dito “clássico” para todas as realidades pesquisadas. É mister que se compreenda a multiplicidade e singularidades dos contextos sociais que se quer compreender.

Assim, gostaria de colocar outro problema. A noção de identidade apresentada por algum teórico com base em estudos realizados na cidade do Rio de Janeiro é válida para outras cidades, no caso específico, a cidade de Brasília com todas as suas idiosincrasias? Essas mesmas considerações podem ser feitas para noções de Lugar e Não-lugar. Tradicionalmente esses conceitos sugerem a definição clássica de MARC AUGÉ (1994) para o qual o primeiro “pode ser definido como identitário, relacional e histórico”. Por não-lugar, como “espaços constituídos em relação a certos fins, tais como, transporte, trânsito, comércio, lazer e a relação que os indivíduos mantêm com esses espaços”. Essa configuração conceitual, a maioria das vezes, é aplicada em todos os estudos sobre o espaço, indistintamente. As categorias são sobrepostas à realidade espacial sem se considerar o seu dinamismo ou as particularidades de cada uma. Mas Brasília pode ser considerada um Lugar para uns e Não-lugar para outros e aqui se chega ao principal problema sobre o desvendamento da questão da identidade brasiliense.

Essas constatações são importantes na medida em que remetem a outros instrumentais teóricos que poderiam elucidar os convívios, os hábitos forçados em tempos e espaços diferentes e podem contribuir para um melhor entendimento da cidade.

BRASÍLIA E A QUESTÃO DA IDENTIDADE

Tenho observado há algum tempo a busca ansiosa de antropólogos, historiadores e demais pesquisadores por compreender Brasília, de mostrar que esta cidade tem identidade própria ou coisa parecida. Enfim, de desvendar o enigma. Em um desses estudos o autor se propõe “apresentar uma cultura sertaneja que resistiu ao processo de organização do sistema cultural, socioeconômico e político do DF, a partir de documentação da história de vida de sertanejos residentes em Brasília e outras regiões administrativas”. (MONTI, 2007) Trata-se de uma tese de doutorado pela UnB. Claro que o referido estudo tem seu valor, mas acredito que a compreensão do que seja a identidade brasiliense vai além desse aspecto, que é apenas uma centelha da questão. Um aspecto separado de um todo complexo, tendo em vista que existe uma indagação maior, qual seja, “a existência ou não de uma identidade característica do povo brasiliense”. (ARRUDA, 2008)

Esses exemplos nos mostram a perplexidade dos pesquisadores para com o tema.

Acredito também que seria necessário partir-se de um conceito de identidade não tradicional da teoria humana, mas que se leve em conta, como apontado acima, a ideia de identidade em construção, híbrida, contraditória e não fixa.

Entender Brasília em seus aspectos identitários requer, portanto, a compreensão da “transposição cultural” e o amálgama que dela resulta. O grande desafio para o pesquisador seria entender esse processo de construção identitário. Ademais, deve-se considerar a rapidez do fazer cotidiano em tempos tão voláteis e espaços tão fluidos. Entender se há ou não uma identidade não me parecer ser o cerne da questão, sobretudo quando se lança mão de conceitos fixos e engessados da teoria. Mas como construir uma ponte identitária num terreno tão movediço? Esta é uma cidade de passagem para muitos e é claro que o segredo da esfinge não é revelado para estes. Brasília é o seu não-lugar. Mesmo aqueles que estão aqui há mais tempo e que usufruem a cidade mantêm seus laços identitários em suas regiões de origem. Vejamos onde reside a dificuldade: como pode uma cidade ser ao mesmo tempo Lugar e Não-lugar? Por extensão, poderíamos considerar a existência de duas identidades para uma pessoa ou grupo de indivíduos? Isso só seria possível a partir de um olhar diferenciado do conceito, ou seja, partindo-se do pressuposto de uma identidade disforme e em construção, portanto, híbrida ou então da existência de uma identidade esfacelada, em migalhas.

Tendo a pensar em uma identidade “palimpsesto” para Brasília. Ela está por se revelar. Ela se mostra apenas para aqueles que usufruem a cidade em toda a sua plenitude. Aqueles que logram a existência cotidiana em harmonia nos vários microcosmos dela, que a têm como extensão do seu corpo e como locus de realização de suas utopias e desejos. É mais fácil de perceber com estes a construção de uma topofilia, um sinal de identificação e apego, em suma, de Lugar. Para aqueles que apenas “compram” a cidade ela não é revelada. Torna-se concreta e artificial, por isso Não-lugar. Quem chega aqui em busca negócios não “vive a cidade”, no seu sentido de Lugar. A parte mais “visível”, monumental acaba obnubilando a “invisível” que é onde está o seu melhor. Por isso prevalece quase sempre o mais óbvio dela para quem chega e se vai. Acaba-se não se percebendo a beleza do estar na rua, as árvores, o encontro fortuito ou programado no boteco, no parque... Naqueles espaços tão displicentes e inusitados os quais constroem um enraizamento identitário.

Essa ideia de uma identidade invisível, palimpsesto, pode abrir caminhos para o entendimento dessa questão. É possível que se faça objeção ao que propomos sob a alegação de que sendo dessa forma ter-se-ia uma construção identitária apriorística quando na verdade ela é constructo do tempo de vivência. Contudo, creio que não seja possível desvendar, do mesmo modo, uma identidade brasileira tomando-se como pressupostos teóricos os conceitos tradicionais então existentes tendo em vista as peculiaridades existentes no processo de formação do Distrito Federal. Além disso, teríamos que esperar uma centena de anos para que se possa falar em uma identidade propriamente dita em Brasília. Enquanto isso a cidade se transforma, se metamorfoseia em tantas faces, se dilui. Vê-se, portanto, que é preciso buscar a solução do problema em outras bases teóricas as quais levem em consideração a rapidez dessas mesmas transformações e, sobretudo, os micromundos existentes. As idas e vindas identitárias de todos os que vivem aqui. Ao invés de uma identidade totêmica e homogênea uma identidade fluida heterogênea. Não há como se pensar uma “identidade-síntese” daqui, pois todos os que vivem em Brasília independente do tempo de permanência fazem questão de mostrar a sua origem. Transpuseram suas

identidades, mas as mantêm frente a diversidade de culturas. Aliás, fazemos questão de sublinhar o nosso traço identitário original junto ao outro.

Essas constatações são importantes na medida em que remetem a outros instrumentais teóricos que poderiam elucidar os convívios, os hábitos forjados em tempos e espaços diferentes e podem contribuir para um melhor entendimento da cidade. Enquanto prevalecerem as análises generalizantes a esfinge continuará escondendo o seu segredo. E cegos, nós permaneceremos na inútil tarefa de desvendá-la.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Patrícia Cabral de. **Brasília: cidade planejada, identidade fluida**. Salvador/BA: UFBA, IV ENECULT- Encontro de estudos multidisciplinares em cultura, 2008.

AUGÈ, Marc. **Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. São Paulo: Papyrus, 1994.

HAESBART, R. **Desterritorialização e Identidades: a rede gaúcha no Nordeste**. Niterói: EDUFF, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-modernidade**. 3ª ed.. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

MONTI, Estevão Ribeiro. **As veredas do Grande Sertão – Brasília: ocupação, urbanização e resistência cultural**. Brasília: UnB/CDS, 2008. (tese de doutorado).

WOODWARD, k. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual in: SILVA, Tomaz T. da. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.